



As representações do eu na vida cotidiana online¹

Matheus Lokschin Heberlé²
Antonio Luiz Oliveira Heberlé³
Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, RS

RESUMO

Neste trabalho a questão é de verificar o fenômeno descrito por Erving Goffman quando analisa a vida cotidiana. Busca-se compreender o cenário atual, onde as condições de vida social passam a ter componentes de uma natureza diversa daquela em que o autor configura as comparações da vida cotidiana com o teatro. Referimo-nos ao contexto da vida mediada pelo computador, mais estritamente pelos programas e sistemas que o fazem operar de forma interativa, estabelecendo mediações de uma natureza especial, já que dispensa a presença física dos atores na mediação, condição na qual o autor ordinariamente desenvolve as suas reflexões. Falamos, logicamente, do mundo digital, da esfera do online, ou da grande rede, como são definidas estas novas ferramentas.

PALAVRAS-CHAVE: teatro; online; representação; comunicação; mídias.

A vida cotidiana, analisada originalmente por Erving Goffman, em 1959, em seu livro “The presentation of the self in everyday life”, descreve uma série de condicionamentos dos sujeitos, que os definem num determinado espaço de convivência, em situações objetivas, dadas as suas respectivas influências de contexto e culturais. Mais de cinquenta anos após as reflexões de Goffman, o que se pode dizer dos conceitos daquela época? Será que, diante das novas formas de interação, proporcionadas especialmente pelo mundo digital, podem ser compreendidas da mesma forma as proposições ou pressupostos deste autor? Ou podemos reler alguns dos

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação Multimídia, da Intercom Júnior – VI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da UCPel, email: matheusheberle@gmail.com

³ Doutor em comunicação, professor da UCPel e pesquisador da Embrapa Clima Temperado, email: antonio.heberle@cpact.embrapa.br



conceitos, à luz das novas formas de estar no mundo? Estes são alguns dos questionamentos que este texto pretende discutir.

Goffman, para compreender os movimentos da vida das pessoas do seu tempo, recorre à Teoria do Teatro, expressão de grande influência nos anos 50, quando ainda engatinhavam os meios de massa, notadamente a televisão, que veio assumir um papel decisivo na mediação social somente duas décadas depois. Os jornais tinham também influência numa parcela da sociedade, enquanto o rádio chegava às massas proletárias. Os computadores, que tem tanta presença hoje na vida cotidiana, eram apenas projeto. Foi neste contexto que Goffman voltou-se a análise das representações dos indivíduos no contexto social, observando como eles interagem entre si, quais as impressões que expressam e como se formam os papéis que os atores sociais desempenham num determinado cenário. Observe-se que é com Goffman que aparecem para a esfera dos estudos acadêmicos os vocábulos “atores”, “cenário”, “palco”, por exemplo, no sentido de representar pessoas em ação, contexto e forma de apresentação social.

O trabalho de Goffman preconiza a definição da situação na interação entre os atores, e a importância do acordo entre eles para a manutenção da coerência. Ele analisa como as pessoas agem para expressar aquilo que pretendem ser para a platéia, quais os mecanismos que utilizam para causar as impressões desejadas e como os observadores entendem e recebem estas informações.

Neste contexto, os indivíduos têm a liberdade e a habilidade para escolher seu palco, sua peça e o que transmitirão a cada tipo de público com quem convivem nas ações e na desenvoltura do cotidiano.

Quanto um indivíduo desempenha um papel, implicitamente solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles. Pede-lhes para acreditarem que o personagem que vêem no momento possui os atributos que aparenta possuir, que o papel que representa terá as conseqüências implicitamente pretendidas por ele e que, de modo geral, as coisas são o que parecem ser (GOFFMAN, 1999, p. 25).

Pode-se dizer, portanto, que grande parte das regras originais da teatralização, pode ser comparável ao mundo da vida das pessoas, de forma que tanto o desempenho, aquilo que fica na frente, (frontstage), como atrás do palco (backstage), são passíveis de uma análise comportamental.



A questão, portanto, é de se verificar este fenômeno na prática analítica, com base no cenário atual, onde as condições de vida social passam a ter componentes de uma natureza diversa daquela em que Goffman configura as comparações da vida cotidiana com o teatro. Referimo-nos ao contexto da vida mediada pelo computador e mais estritamente pelos programas e sistemas que o fazem operar de forma interativa, estabelecendo mediações de uma natureza especial, já que dispensa a presença física dos atores na mediação, condição na qual o autor desenvolveu as suas reflexões. Falamos mais especificamente ainda do mundo digital, da esfera do online, ou da grande rede, como são definidas estas novas ferramentas.

O desenho de interfaces para computador começou em março de 1960, quando J.C.R Licklider publicou seu artigo “A simbiose do homem-computador”. Lick (como era chamado) era um psicólogo experimental e um especialista em acústica que se converteu a informática e tornou-se um messias no assunto, comandando os esforços iniciais da ARPA. (NEGROPONTE, 2000, p. 94)

O que não se sabia na época era que essas contribuições que referem a simbiose entre homem e computador estava fadada a convergir na década de 1990. A interatividade hoje faz parte do próprio conceito de interação. Pode-se dizer inicialmente que, ampliado, o novo cenário é diferente daquele pensado por Goffman para a comunicação interpessoal, quando afirma que “a interação pode ser definida, em linhas gerais, como a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros” (GOFFMAN, 1959, p. 23). Hoje os interagentes já não estão fisicamente juntos e esta é uma perspectiva muito original, já que ele pensara a interação antes do fenômeno dos computadores e das redes sociais da atualidade.

Redes sociais complexas sempre existiram, mas os desenvolvimentos tecnológicos recentes permitiram sua emergência como uma forma dominante de organização social. Exatamente como uma rede de computadores conecta máquinas, uma rede social conecta pessoas, instituições e suporta redes sociais (WELLMAN, 2002b, p.2 apud RECUERO, 2009).

Começamos a pensar então com base nas novas condições de interação. Primeiro, para que os sujeitos insiram-se nas grandes redes de relacionamento online, é preciso criar um perfil (também chamado de “página” em diferentes *sites*). Analisando o sentido denotativo da palavra “perfil”, infere-se que se trata de uma “definição de alguém em traços rápidos” (FERREIRA, 1993). Esta definição se dá de diferentes maneiras em diferentes tipos de redes sociais, porém, sempre possui a função de ser a



expressão ou a imagem dos usuários das redes. Ou seja, é uma página pessoal onde se encontram as informações, características e indícios que representarão, através de textos, imagens, grupos, gostos e outros mecanismos.

A questão remete, portanto, a qual o “eu” que se quer que seja representado, e qual a impressão que o indivíduo espera passar para aqueles que irão acessar o seu perfil e, possivelmente, interagir com ele. Vamos fazer a primeira visada nas idéias originais de Goffman para tentar compreender essa prática.

Para as pessoas presentes, muitas fontes de informações são acessíveis e há muitos portadores (ou “veículos de indícios”) disponíveis para transmitir a informação. Se o indivíduo lhes for desconhecido, os observadores podem obter, a partir de sua conduta e aparência, indicações que lhes permitam utilizar a experiência anterior que tenham tido com indivíduos aproximadamente parecidos com este que está diante deles ou, o que é mais importante, aplicar-lhe estereótipos não comprovados (GOFFMAN, 1959, p. 11).

Naturalmente Goffman trata aqui, assim como em toda sua obra, da comunicação interpessoal e dos condicionamentos e representações que as regulam, dado o contexto da época em que escreveu seus pressupostos. Ele diz literalmente que se refere a “pessoas presentes”. Mas, não encontramos quaisquer dificuldades em transpô-la ao ambiente atual. Usando esta reflexão observamos que as interações digitais nas grandes redes computacionais podem traduzir as muitas informações e indícios que o autor cita como conduta e aparência dos atores sociais no cotidiano para forjar seus perfis e páginas nas redes sociais. Segundo Goffman (1959, p. 11), “a informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar”.

Pressupomos que as informações e a maneira como as pessoas são apresentadas, por meio dos signos visuais dispostos nas páginas pessoais, influenciarão a definição das impressões que os visitantes e “interatores” irão receber do indivíduo, e poderão ou não depositar confiança nas informações que recebem.

No final da década de 1950 Goffman denominou de “fachada” a parte do desempenho do indivíduo que funciona regularmente de forma geral e fixa com o fim de definir a situação para os que observam a representação. Podemos relacionar esta



estrutura de representação do indivíduo, com suas partes padronizadas, com o conceito de perfil do eu cotidiano online. As informações da fachada são, com frequência, as que encontramos em sites de relacionamento como Orkut, Facebook e Twitter, por exemplo.

Podemos tomar o termo “fachada pessoal” como relativo aos outros itens de equipamento expressivo, aqueles que de modo mais íntimo identificamos com o próprio ator, e que naturalmente esperamos que o sigam onde quer que vá. Entre as partes da fachada pessoal podemos incluir os distintivos da função ou da categoria, vestuário, sexo, idade e características raciais, altura e aparência (GOFFMAN, 1959, p. 31).

Para além destas classificações, as redes de interação de hoje possuem mecanismos e funções que vão além da fachada, contendo informações como, quais são e quantos são os amigos na rede, quem se conhece e que é comum aos demais, do que mais se gosta, de quais comunidades virtuais se participa e o que se pensa, além do que se segue, no sentido de vínculo, de permanência da ação no contexto da interação social. A noção de vínculo, neste sentido, possivelmente não foi pensada por Goffman, dadas as condições de suas observações.

Cada rede social possui estruturas de interação que se propõem a ultrapassar a barreira do isolamento e a falta do contato pessoal para estabelecer ou manter um relacionamento. Não é improvável supor que dois indivíduos conectados pelas redes convivam num mesmo espaço físico no cotidiano e conheçam-se melhor por meio da internet do que no convívio pessoal. Ou seja, a comunicação mediada pelo computador implica uma série de novos condicionamentos.

Sites de redes sociais foram definidos por Boyd e Ellison (2007), como aqueles sistemas que permitem i) a construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal; a interação através de comentários; e iii) a exposição pública da rede social de cada ator. Os sites de redes sociais seriam uma categoria do grupo de *softwares* sociais, que seriam *softwares* com aplicação direta para a comunicação mediada por computador (RECUERO, 2009, p. 102).

A seguir observamos alguns das principais plataformas de relacionamento do mundo digital, amplamente utilizadas no mundo, que ampliam os contatos para além do espaço e do próprio tempo, como normalmente se reproduzia quando Goffman descreveu a interação da vida cotidiana.



orkut
by Google BETA



Igual à vida real

Fale com todos os seus amigos ou apenas com grupos separados. Você controla quem vê o quê. Interaja com seu melhor amigo, seu chefe e até com sua avó com privacidade.

Comunique-se

Chat, scraps e comentários: converse com cada grupo de amigos como você quiser.

Divirta-se!

Compartilhe fotos, vídeos e novidades facilmente. Participe de comunidades para discutir assuntos de seu interesse.

O Orkut é a rede social de maior popularidade entre os brasileiros, porém sem grande expressão fora do país. Pertence ao Google e funciona através de perfis pessoais com fotos e interesses. Indica quem são seus amigos e possui comunidades com fóruns de discussão.

facebook

No Facebook você pode se conectar e compartilhar o que quiser com quem é importante em sua vida.



O Facebook é a rede com mais usuários do mundo, com 750 milhões de utilizadores. Funciona com perfis, que possuem um mural de atividades, e com a função “curtir”, para que os usuários que gostarem das publicações de outros como fotos, textos e aplicativos.

twitter

Siga o que lhe interessa

Atualizações instantâneas dos seus amigos, opinião de especialistas, suas celebridades favoritas e tudo o que está acontecendo ao redor do mundo.

Buscar no Twitter

O Twitter é uma rede de microblogs com pequenos textos de até 140 caracteres a partir da pergunta “O que você está fazendo?” e permite que os usuários sigam uns aos outros de acordo com seu interesse nos conteúdos publicados.

Para analisar estes novos aparatos virtuais, podemos lembrar que para Goffman, a resposta dos outros para as ações dos indivíduos se divide em duas partes: uma contida por informações estritas, diretas e verbais, que o indivíduo facilmente manipulará quando quiser, e outra oriunda das expressões que emite, na qual parece ter pouco domínio, sendo, portanto, de natureza não-governável. Significa que há, na comunicação, somente uma parte sob controle na relação entre observador e observado no cotidiano. Outra parte é menos controlável em um diálogo interpessoal, relacionado à como o observador interpreta as informações que recebe. Talvez por isso, pela “traição” contida na linguagem, que as expressões do pensamento via online sejam diferentes, para o bem ou para o mal, em relação aquele do contato pessoal.



Outra relação que encontramos aqui se baseia na facilidade de fraude e dissimulação que o ciberespaço normalmente proporciona. No espaço virtual, quase tudo é ingovernável. Os aspectos originais acabam se confundindo dentro das informações e ações dos usuários nas redes, que podem manipular seus delineamentos e características para passar uma determinada imagem desejada. Ainda que não seja possível representar, nem no cotidiano, nem no universo online, um eu completamente fiel as características e impressões do indivíduo, é da responsabilidade dele a legitimidade das impressões, que variam de acordo com a sua intenção e de seu sucesso em construir o eu que objetiva.

Por isso, as pessoas ficam muito preocupadas com a primeira impressão que o perfil constitui, pois, assim como na vida cotidiana, pode-se, na vida online, regular uma série de interações envolvendo os mesmos participantes. Entretanto, as conseqüências da ação, tanto na mediação direta, pessoal, quanto na mediação pelo sistema online ou virtual, tem conseqüências práticas da mesma natureza.

Neste contexto se pode dizer que o virtual é real e ninguém está livre das suas conseqüências, seja de que natureza for. Hoje, é comum encontrar pessoas que preferem passar ao largo desta discussão. Isso é possível, mas não significa que estarão livres dela. Isso ocorre porque os seus domínios se implantaram definitivamente na vida social. Todo o relacionamento institucional e pessoal é feito com base nesta nova forma de mediação, que envolve pagamentos, bancos, telefones, TVs, trabalhos, filmes, músicas, contatos pessoais e lazer. O eu na vida cotidiana é hoje, portanto, também um eu digital, no sentido de manifestar-se para além da presença física dos atores em interação pessoal.

Os sistemas novos são abertos, de amplo espectro, atingem a todos e podem aproximar contatos pelo mundo afora, mas também produzem grandes estragos. Podem fazer um casamento, mas também podem acabar com ele. Podem ajudar numa contratação, pois as empresas fazem um rastreamento (pela internet, nas redes de relacionamento) do perfil dos candidatos antes de contratá-los, o que leva menos de um minuto. O curriculum é, portanto, só um dado. Mas a rede também pode ser motivo de demissão, desde que o histórico do trabalhador mostre rastros que denunciem opiniões ou atitudes que por algum motivo desagradem o empregador (HEBERLE, 2011, p.3).

Outro ponto desta reflexão sobre o eu na vida online aponta que é praticamente impossível esconder. Lévy explica esta dependência quando afirma que “na Internet a



quase totalidade dos documentos é assinada, podendo-se, geralmente, identificar com facilidade o grupo de imprensa, a universidade ou a empresa que coloca uma informação a disposição do público” (LÉVY, 2000, p. 209). As pessoas e, principalmente, as empresas querem saber disso porque as consequências são diretas sobre as suas imagens e seus negócios. Os registros são provas de existência, do real e essa é uma informação essencial para o eu na vida cotidiana de hoje.

A outra consideração desta nova forma de eu estar presente refere-se ao privado e o público, o que está dentro e o que está fora do palco. Entendemos que isto já não importa mais. A vida privada como Goffman analisou no final dos anos de 1950, já é quase impossível, porque o sistema de registro deixou de ser uma prática especializada de fotógrafos e de cinegrafistas. Hoje há câmeras por todos os cantos e de todos os tipos, do poste ao celular, tanto que os telejornais usam tais registros para produzirem mais notícia. Todos nós, pessoas e empresas, somos atores de Goffman e estamos no *big brother*. Mesmo que isso desagrade a muitos, como aos criminosos, que são flagrados em ação na vida cotidiana, todos podem estar sujeitos às suas consequências.

Ainda se pode elencar outra situação objetiva com base nas idéias de Goffman, que se refere à forma de interação, que originalmente referia basicamente o interpessoal, a interação elementar entre as pessoas no mundo da vida. Hoje muitos falam para muitos, pois os meios estão disseminados e qualquer indivíduo pode ser emissor, diferentemente do mundo dos meios de comunicação de massa tradicionais, no qual um fala para muitos.

O ciberespaço [...] permite, ao mesmo tempo, a reciprocidade na comunicação e a partilha de um contexto. Trata-se de comunicação conforme um dispositivo “todos para todos”. Numa conferência eletrônica, por exemplo, uma pessoa envia uma mensagem a dezenas ou centenas de outras. Entre estas, algumas respondem. Depois, outras respondem à resposta, etc. Como todas as mensagens são registradas, sedimenta-se assim progressivamente uma memória, um contexto do grupo de discussão. Cabe salientar que essa memória, esse contexto comum, em vez de vir de um centro emissor Todo-Poderoso, emerge da interação entre os participantes (LÉVY, 2000, p. 207).

Ter um meio de comunicação já não é papel especializado, visto que a comunicação aberta está ao alcance como nunca. Isso também implica em responsabilidade, porque plataformas de relacionamento como Facebook, Orkut, Twitter e blogs são meios potentes de comunicação com o mundo. Pode-se utilizar os



recursos para emitir, formar opinião, fortalecer imagem individual ou empresarial. Mas a rede pode também ser usada como ferramenta de inescrupulosos, para (a)tingir a imagem. Saber das lógicas é coisa dos novos especialistas e eles podem estar de qualquer lado.

Enfim, os indivíduos e empresas na vida cotidiana estão em transição e muitos precisam de orientação para uso das técnicas, como em todas as épocas. Os vapores evoluíram para os motores a combustão e hoje não se pensa o mundo sem indústrias, carros e aviões. Há legislação para uso de tudo isso. Nesta realidade nova da vida cotidiana das mídias, todo o sistema é desafiado pela forma de estar presente e interagir. Quem não compreende a mudança na vida cotidiana atual, em função das novas mediações, produz regras draconianas, proibindo o uso da rede, impondo o terrorismo da opinião. Outros deixam livre e solicitam o bom senso, cobrando responsabilidade dos sujeitos.

E nós? Bem, precisamos pensar mais quando, sozinhos, estamos na frente de uma tela e com os dedos livres para tocar as teclas. É bom lembrar que não estamos sós. Afinal, a liberdade é altamente vigiada e esta é a realidade que se apresenta na nova forma de representação do eu na vida cotidiana online.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. São Paulo: Petrópolis. Tradução de Maria Célia Santos Raposo, 1989.

LÉVY, Pierre. A revolução contemporânea em matéria de comunicação. In MARTINS, F. M. & SILVA, J. M.. **Para Navegar no séc. XXI**. Porto Alegre: Sulina, 2000.

HEBERLÊ, Antônio Luiz Oliveira. **Algumas lições do mundo virtual para indivíduos e empresas**. Pelotas: Diário Popular, 14/06/2011.

NEGROPONTE, Nicholas. **A Vida Digital**. São Paulo: Companhia das Letras. Tradução de Sérgio Tellaroli, 1995.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.